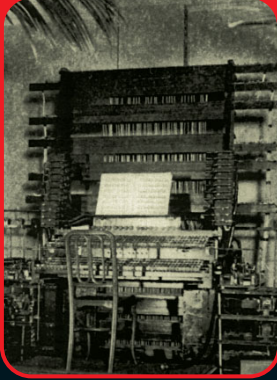


Fábrica de som

o mac é o paraíso dos sintetizadores

por Márcio Negro



os primórdios da música eletrônica datam do fim do século 19, quando o telefone ainda era pouco usado e os automóveis eram coisas de gente excêntrica. Mas os "doidos" sempre existiram. Foi o caso de Thaddeus Cahill,

que em 1897 patenteou o "Aparato para Gerar e Distribuir Música Eletronicamente", mais conhecido como **Telharmonium** – um instrumento musical eletrônico que usava as linhas telefônicas para transmitir música para casas, hotéis e restaurantes. Tratava-se de uma geringonça que pesava cerca de 200 toneladas e que necessitava de doze vagões de

trem para ser transportada – não exatamente um artigo para ser comprado na loja da esquina. Duas pessoas controlavam seus dois teclados e sua estréia, em 1906, causou um certo agito em Nova York. Mas, alguns anos depois, o Telharmonium já estava ultrapassado por outras tecnologias (como o toca-discos) e caiu no esquecimento.

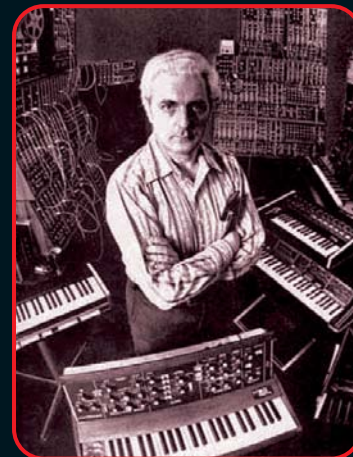


dos últimos 100 anos para cá, os geradores eletrônicos de timbres foram tornando-se cada vez menores, mais leves e compactos. O passo seguinte aconteceu nos anos 20 com o **Theremin**, um futurista instrumento eletromagnético que se tocava fazendo movimentos com a mão à frente dele. Ainda são fabricadas versões miniaturizadas dele, mas os seus timbres às vezes sinistros têm mais aplicação em efeitos sonoros para filmes do que em música convencional.

o primeiro grande passo para se criar um instrumento eletrônico mais popular foi dado por Laurens Hammond, uma espécie de

Professor Pardal que, certo dia em 1933, comprou um piano usado e o transformou em um órgão eletrônico. Em 1936, depois de aperfeiçoar sua invenção, ele lançou o legendário **Hammond B-3**, que tinha um som inigualável com seus dois falantes rotativos. O sucesso foi absoluto, principalmente entre os músicos de blues e jazz, que ainda hoje enchem os olhos de lágrimas ao ouvir

seus timbres. Assim, foi criado o mercado de massa para instrumentos eletrônicos.



mais tarde, durante os alucinógenos anos 60 e 70, Robert Moog

deu, literalmente, o tom da música popular durante mais de uma década com seus sintetizadores analógicos modulares da linha **Moog** – com destaque especial para o Mini-

moog, utilizado por vários grandes músicos, incluindo Herbie Hancock, Keith Emerson e Rick Wakeman, entre muitos outros.

Nos anos 80 surgiram os sintetizadores digitais, como o **DX-7** da Yamaha e o **D-50** da Roland. Uma infinidade de

marcas apareceu (Oberheim, Korg, Ensoniq, Kurzweil e muitos outros). Virou padrão a conexão dos instrumentos via MIDI (interface digital) a um computador, que passou a funcionar como um "diretor de orquestra virtual". Atualmente, os sintetizadores digitais dominam ou contribuem em todos os campos da música contemporânea.

NS

virtuais

Em vez das 200 toneladas do Telharmonium, hoje podemos ter um módulo de sintetizador menor do que um iBook. Ou melhor ainda, do tamanho de um CD. É o início de uma nova era para a música eletrônica:

a era dos sintetizadores virtuais, construídos inteiramente com software.

Seu Mac pode abrigar dezenas de instrumentos que, em sua forma física, encheriam toda uma sala. E o que é melhor: por um preço bem mais acessível.

que tal poder resgatar o belo som de um Hammond ou de um Minimoog?

E que tal poder criar uma música com o som dos dois? Até pouco tempo isso seria um sonho impossível para os menos abonados. Itens raros como esses podem custar uma fortuna. E teclados e módulos digitais modernos capazes de simular realisticamente os timbres de Hammond e Moog também causariam um belo rombo em seu orçamento. Os sintetizadores virtuais tornam tudo mais fácil, prático e barato. Em vez de pagar US\$ 3.000 ou mais em equipamento, talvez encontre o que quer por algo entre US\$ 150 e US\$ 600 nos EUA. Certamente, uma boa idéia.

Mas chega de lero-lero-vem-cá-que-eu-também-quero e vejamos alguns dos melhores sintetizadores virtuais disponíveis atualmente para o Mac OS. Aumente o som de sua revista e aproveite.

Conheça a história completa dos sintetizadores eletrônicos acessando o site **120 Years of Electronic Music** (www.obsolete.com/120_years).
Quanta (distribuidora de softwares da Steinberg, Emagic e Digidesign): 0800-554644
Preços dos produtos nos EUA

“ Achamos que a coisa legal é misturar de tudo um pouco. Análogo, digital, feio, bonito. Espaço existe pra tudo. Usamos muito um synth analógico (Roland GR-30 + Boss DR-660) para compor as linhas básicas da música e passar pro Mac. Lã, manipulamos os sons de várias maneiras para conseguir chegar no resultado pretendido. Para

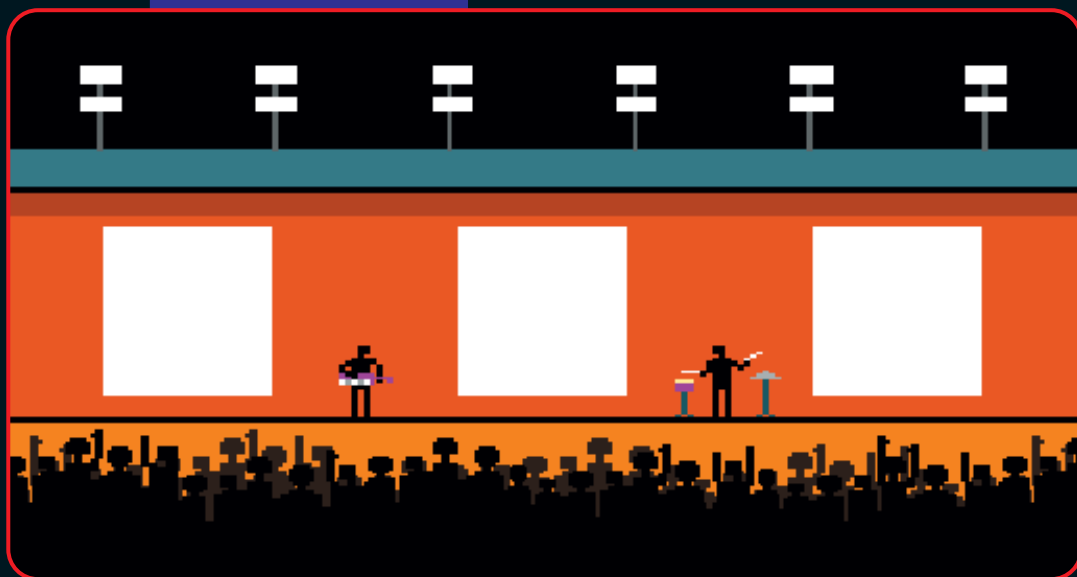
Banda virtual, vencedora do último Video Music Brasil da MTV na categoria Música Eletrônica

fazer essas experiências digitais, usamos milhares de plug-ins para Premiere (CyberSound, Ionizer, Filter, Ray Gun, Vinyl, Vocode, SFX Machine) e VST (Hyperprism, mda SubSynth, PROSONIQ Orange Vocoder, entre outros tantos) rodando no Logic Audio... Ou programinhas “independentes”, como Argeiphontes Lyre, Thonk, ZVocoder e muitos outros.

O que fazemos muito é ter como referência uma sonoridade “antiga” e, por meio de synths e emuladores modernos, “imitamos” aquele som. Na área de emuladores, usamos muito o ReBirth (pra depois modificá-lo, porque virou carne de vaca esse tipo de som...), Reaktor, Vibra-9000 e atualmente o excelente Reason. Aliás, com esse último fizemos TODO o instrumental da nossa última música, a “New York Groove”, adicionando a ela um discurso feito no Speech pra Mac (só que no Speech mexicano), e um “software que canta”, o excelente Vocal Writer para a linha vocal principal...

O emulador dos nossos sonhos? Acho que poderia ser um emulador de som de brinquedo... hehehe! Algo como um “Genius/Merlin Sound Emulator”.

Quanto aos sintz digitais igualarem os sons clássicos, poderíamos dizer que “dá pra



enganar”. O músico especialista ouve aquele emulador de Hammond solando e reconhece na hora que não é o órgão verdadeiro. Mas aquele mesmo som, no meio da música, bem processado, pode convencer muito bem, sim. A ponto de o mesmo músico achar que é um verdadeiro Hammond. Tudo é uma questão de situação.

Ter que usar o computador para achar um novo timbre, no entanto, não é uma regra. Tem muita gente explorando timbres diferentes com muita criatividade sem passar pelo Mac. O grupo Trans Am é um exemplo disso. Os caras só usam sintz “de verdade”, processando-os com pedais e efeitos improvisados ou mesmo outros sintz... tudo analógico. No caso do GOLDEN SHOWER, pela característica experimental, a passagem pelo computador é inevitável. Mesmo porque só temos um sintz analógico.

Então TEMOS que nos virar muito com os emuladores e plug-ins... e samples também. Música vai ser sempre música. No Mac, na tuba, na guitarra, no serrote ou na pia da cozinha, o que importa é a criatividade e não a ferramenta. Tem neguinho que grava um disco inteiro só com a própria voz e um microfone e fica maravilhoso. Mais importante é o jovem ambicioso músico estudar um pouco de teoria (sim, é chato, mas vale a pena!) e ouvir de tudo um pouco. Mesmo o que ele não gosta. Aliás, para o GOLDEN SHOWER não existe essa história de música boa ou ruim. Para nós, a música está dividida em dois grandes grupos: o das músicas que a gente gosta e o das músicas que a gente ri.

”



Absynth

O Absynth é uma boa opção para quem quer criar timbres diferentes. Nele você encontrará quatro filtros, seis osciladores e três moduladores, além de efeitos, formatos de ondas e processador de *delay* para ajudar no processo criativo. A interface é simpática mas poderia ser um pouco mais fácil de se utilizar, pois o mouse não resolve tudo e é necessário digitar os valores de cada parâmetro. Por outro lado, é muito fácil combinar diferentes técnicas de sintetização. O Absynth traz o Waveform Editor, que permite que você modele como quiser o formato de onda a ser utilizado pelos osciladores. E os resultados são ouvidos enquanto é feita a edição. Os efeitos de modulação de *delay* também impressionam bem: os tempos de *delay* podem variar de apenas um *sample* (amostra) até 10 segundos. E é possível utilizar até seis *delays* em paralelo para criar ótimos efeitos de *flanger* e *chorus*.

US\$ 150
www.absyn.com

uma
das opções
mais econômicas;
é capaz de criar
até o som do
inferno, se
você quiser

O Absynth vem ainda com 100 bons timbres prontos para você não ter que sair do zero. Além disso, é possível baixar outros da Internet, como o fantástico e esquisito "Vampyr's and guitars", que pode ser encontrado no site oficial. O Absynth pode ser controlado via MIDI através do software OMS (Opcode Music System), mas, infelizmente, não é possível controlá-lo a partir de um sequenciador. O ideal seria haver uma versão VST 2.0, por exemplo, para se tirar proveito máximo do programa. Em vez disso, o Absynth permite gravar uma sequência de notas e sons de até 32 segundos (16 segundos em estéreo) para o disco e depois importar o arquivo AIFF para outro programa. Oferece ainda o recurso Overdub, que possibilita adicionar outras camadas de som ao que você já gravou.

B4

US\$ 235

www.native-instruments.com

Fique Ligado

O B4 é um emulador do famoso Hammond-B3, até hoje usado por músicos de blues, jazz e soul. Para conseguir essa façanha - e, acreditem, é realmente uma façanha - a Native Instruments, a mesma do Reaktor e do Pro-52, não economizou esforços e investiu bastante na análise da geração dos sons eletromecânicos e dos circuitos valvulados do Hammond. O B4 é baseado na mesma tecnologia do Reaktor, que consegue recriar várias nuances dos órgãos de alto-falante giratório, como *feedback* harmônico, vibrato e outros detalhes. E o resultado assusta: é igualzinho ao instrumento real - para os leigos, é claro. Tudo foi tão bem cuidado que a própria interface do programa tem todos os controles do Hammond-B3 original, incluindo os pedais de baixo. Fantástico! Quem nunca viu um órgão desses

A busca terminou, rapazes! O B4 é o programa definitivo para quem quer ter um Hammond, mas não tem lugar na sala



antes talvez se embanane um pouco até entender como funciona todos os controles do B4. Mas não há grandes segredos: vá fuçando nos botões e faders e veja o que acontece. Tem até uns botões que emulam a forma de captação dos microfones (virtuais, é claro), dando mais realismo a coisa. A partir de um teclado MIDI, você pode controlar a velocidade de rotação dos falantes, utilizando o joystick do próprio teclado MIDI (se houver).

O B4 está disponível como um programa independente, mas também funciona como um instrumento VST 2.0, podendo ser utilizado com qualquer sequencer que trabalhe com esse formato. É também compatível com o padrão DirectConnect do Pro Tools. Isso posto, não há muito mais o que falar sobre o B4. O som fala por si próprio.

Sintetizador (synth, sint) - Talvez você esteja meio perdido nessa história de sintetizador análogo, osciladores, moduladores e outros palavrões. Vamos começar definindo o que é sintetizador. Trata-se de um dispositivo capaz de fazer síntese de sons ou, em outras palavras, gerar sons através de manipulações eletrônicas, alterando as características básicas do som: volume, altura, timbre e duração.

Em geral, as pessoas costumam achar que qualquer instrumento eletrônico que tenha um teclado é um sintetizador, o que não é verdade. Na verdade, um sintetizador nem precisa ter um teclado, pode ser apenas uma caixinha cheia de buracos ou, como mostra este artigo, um software. Por isso, pianos, órgãos (incluindo o Hammond) e inclusive aqueles teclados baratinhos - que trazem ritmos e acompanhamento para animar churrascaria - não são sintetizadores. A síntese análoga de som é composta por três elementos básicos:

- Oscilador - É a fonte geradora do som. O oscilador pode gerar determinados tipos de onda, com formatos diferentes: senoidal, quadrado, triangular, pulso e ruído. Dependendo do sintetizador, você pode usar mais de um oscilador para gerar um determinado som.
- Filtro - Os alteram o timbre do som gerado. Grosso modo, funciona como um equalizador para realçar ou atenuar determinadas frequências sonoras.
- Modulação - Muda a forma de onda durante um dado período de tempo. Determina, por exemplo, o ataque, a sustentação e a duração de uma nota.

Os sintetizadores digitais geram o som a partir de manipulações matemáticas, e não por componentes físicos, como é o caso do modelo analógico. O gerador digital gera sons a partir de uma tabela de valores armazenada na memória do equipamento, chamada wavetable. Só no final do processo é que o som é convertido para o formato análogo e enviado às saídas de áudio (se bem que vários sintetizadores têm saídas digitais).

MIDI - Interface digital que integra instrumentos musicais e computadores. Em uma instalação interligada via MIDI, qualquer dispositivo pode enviar comandos para o outro; por exemplo, você pode tocar uma melodia em um teclado fazendo outro tocar o acompanhamento e o computador gravar tudo automaticamente.

Polifonia - Capacidade de o instrumento tocar várias notas ao mesmo tempo.
Sequenciador - Aparelho (ou software) para programar as músicas nota por nota.
Sample - Amostra de som gravado ou trecho de música pronta que é usado como instrumento.

Preset - Timbre pré-programado de fábrica.

Delay - Efeito de eco ou reverberação.

ASIO - Padrão de comunicação entre software e placa de áudio que facilita a comunicação entre as duas partes. Existem drivers para as principais placas do mercado.

ReWire - Tecnologia que permite a um sequenciador controlar um gerador de timbres externo.

DirectConnect - Tecnologia da Digidesign similar ao ReWire, mas que basicamente só foi adotada pelo software Pro Tools, também da mesma empresa.

DirectI/O - Padrão similar ao ASIO, desenvolvido pela Digidesign para permitir que programas de terceiros possam ter melhor integração com algumas de suas placas de áudio.

VST 2.0 - Tecnologia desenvolvida pela Steinberg que permite que um instrumento musical virtual possa ser controlado a partir de um sequenciador de áudio/MIDI compatível. Assim, o instrumento funciona como um canal de áudio convencional (podendo-se aplicar efeitos, equalização etc.), mas é controlado via MIDI.

PPG wave 2.V

O PPG Wave 2.V, da Waldorf, completa o ciclo nostálgico dos sintetizadores, nos remetendo diretamente ao início dos anos 80. Nele você poderá ouvir e criar timbres similares aos do DX-7 da Yamaha ou aos do Poly 800 da Korg. Disponível como instrumento VST 2.0, ele é uma boa pedida para usuário de Logic, Cubase ou outro software compatível.

Um dos diferenciais do PPG Wave é o fato dele não trabalhar com os padrões de onda estáticos e convencionais mas com osciladores de ondas digitais e filtros análogos, ampliando as possibilidades criativas. Cada oscilador pode usar um dos 32 wavetable (tabela de onda) disponíveis (cada wavetable é um

US\$ 199

www.waldorf-gmbh.de

conjunto de 64 formas de ondas digitais). A partir daí, é possível mexer nos osciladores, filtros e outros recursos para criar o timbre, sendo que todos os parâmetros podem ser editados com o próprio mouse. Tem até o recurso para criar arpeggios de notas sequenciais; basta dar o acorde que o PPG Wave faz o resto sozinho.

A polifonia depende basicamente do poder de processamento do Mac. Cada sintetizador pode ser utilizado até oito vezes simultaneamente, sendo que cada um pode utilizar oito timbres. O programa já inclui 700 sons pré-programados e é possível automatizar todos os parâmetros via MIDI.

TRAZ de volta o som dos anos 80, acrescentando ingredientes modernos

ES-1

US\$ 99

www.emagic.de

Quem é adorador do sequenciador de áudio e MIDI Logic Audio vai curtir o ES-1. Os dois programas são da mesma empresa (a Emagic) e, por isso, feitos um para o outro. É de se esperar que integração e facilidade de uso sejam as palavras chaves.

O ES-1 é o primeiro instrumento virtual feito exclusivamente para a série Logic e seguindo os altos padrões de interface da Emagic. Como um sintetizador real, o ES-1 oferece um gerador de timbres bem flexível, incluindo percussão e efeitos exóticos. Dependendo do poder de processamento de seu Mac é possível utilizar até oito instrumentos ao mesmo tempo dentro do Logic Audio (MicroLogic AV, Silver, Gold e Platinum), cada um com um total de 16 vozes. Nada mal.

As vantagens de se usar um sintetizador feito especialmente para o Logic são muitas:

1) Precisão de resposta equivalente a qualquer dispositivo MIDI externo.

apesar de "mutcho-lôca", a interface do es-1 é bastante funcional. é uma boa pedida para quem usa o Logic Audio



2) Todos os parâmetros podem ser automatizados com precisão e ainda é possível utilizar todos os efeitos internos do mixer digital do Logic para processar os sons.

3) No Logic Audio Gold and Platinum, as gravações de áudio podem ser direcionadas para o ES-1 e usadas como fontes de modulação.

Utilizar o sintetizador virtual da Emagic vira uma grande brincadeira com ótimos resultados. Infelizmente, só quem usa o Logic Audio poderá brincar, o resto tem que ficar de fora, chupando o dedo.

A interface é muito bem bolada, fácil de usar e realmente dá para criar uns sons "mutcholôcos" rapidamente. Mas o ES-1 não chega a ser de cair o queixo. A reclamação principal fica por conta dos presets que não são tão bons quanto poderiam ser.



Reaktor

reaktor...
a fronteira
final. com ele,
você vai poder criar
sons que ninguém
jamais ousou
imaginar

\$499

www.native-instruments.com

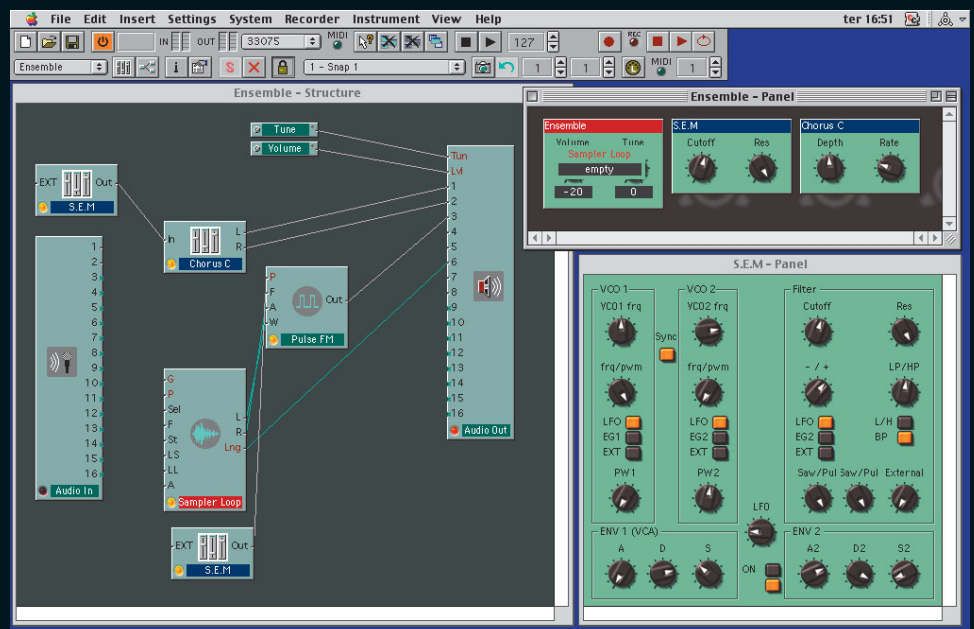
O Reaktor, da Native Instruments, é certamente um dos sintetizadores virtuais mais poderosos que você vai encontrar. Ele redefiniu os conceitos de "sintetizador", "sampler" e "efeitos", oferecendo um estúdio de design de som completamente modular que deixa você livre para criar seu próprio software de sintetizador em tempo real.

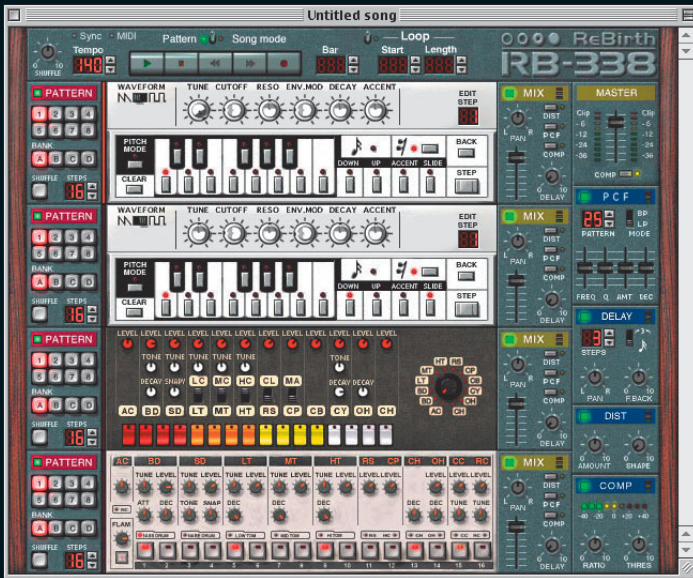
O programa inclui mais de 200 módulos básicos que cobrem uma grande variedade de métodos de sintetização e permitem criar virtualmente qualquer som desejado. É claro que você não vai conseguir o que quer de primeira. Terá que ler o extenso manual e ralar muito para chegar lá.

A biblioteca de timbres contém mais de 300 instrumentos que podem ser facilmente adaptados às suas configurações e modificados em seus diversos parâmetros. Você é quem decide para onde quer ir. A interface é meio tosca e tem elementos típicos do

Windows (a empresa diz que a versão 3.0 vai ter nova interface). Mas isso importa muito pouco, pois o Reaktor é muito poderoso. Para compensar, como o programa tem muitos usuários fanáticos, a moçada fica criando uns timbres cabeludos e fazendo upload para o site da Native Instruments. Lá você vai encontrar desde timbres clássicos até sons de outro mundo. Assim, seu banco de timbres não vai para de crescer nunca!

O programa aceita sample rates de 22,05 KHz até 132.3 KHz (mas não é qualquer placa de áudio que vai conseguir trabalhar com valores tão altos) e até 16 instrumentos por módulo (com 64 vozes cada). O Reaktor ainda pode ser integrado a outros programas a partir dos padrões VST 2.0, DirectConnect, além de aceitar placas de áudio que suportem o padrão ASIO.





ReBirth 2.0

O ReBirth é o rei na terra da música techno (pelo menos até o aparecimento do Reason, também da Propellerhead Software). Ele reúne, em apenas uma janela: um sintetizador, um sequenciador integrado, duas linhas de baixo, duas seções rítmicas, *delay*, distorção e compressor, entre outras coisas. E ainda possibilita fazer a automação completa dos parâmetros.

US\$ 199

www.propellerheads.se

Com isso tudo e um pouquinho de prática, você estará fazendo músicas inteiras para qualquer *rave*. Cada compasso é dividido em até 16 "batidas", que você usa para definir os ritmos das baterias eletrônicas e também as notas do sintetizador. Você vai criando *patterns* (um conjunto de um ou mais compassos) e inserindo em sua música. Depois, é possível fazer a automação em tempo real de toda a

velho conhecido de quem cria música eletrônica, é prático e exige pouco do seu mac

seção de efeitos e *pans* para, no final, exportar um arquivo AIFF ou WAV de sua criação.

O legal é que não é necessário ter controladores externos, samplers ou placas especiais para tudo funcionar. Pode funcionar em conjunto com o Cubase VST, da Steinberg, e exige muito pouco do hardware, podendo ser utilizado em qualquer Power Mac, o que é uma vantagem em relação ao Reason. Por outro lado, o ReBirth não é lá muito intuitivo e não tem nenhum recurso específico para editar e monitorar a automação dos controles e parâmetros.

Quem poderia esperar que a empresa que fez o ReBirth seria capaz de nos oferecer mais? Mais não, muito mais. Com o Reason, a Propellerhead Software concebeu um dos melhores programas para a criação de música eletrônica, sem que seja necessário ao usuário saber tocar qualquer instrumento ou usar qualquer outro programa. Tudo pode ser feito com o

mouse e um mínimo de dedicação. O Reason traz, num só pacote, sintetizadores análogos, samplers, baterias eletrônicas, efeitos, sequencer multipistas e até um mixer (mesa de som) – basicamente tudo que você necessita para dar asas à imaginação - que aparecem montados em um "rack" como fazem os técnicos de áudio. Ao todo são 16 dispositivos (com o jeitão dos equipamentos reais) que podem ser usados até onde a capacidade de processamento de seu computador permitir.

O módulo NN19, por exemplo, é um sampler capaz de tocar arquivos AIFF ou WAV, oferecendo cinco filtros de equalização, ressonância, envelopes, oscilador e portamento (efeito para fazer um som "deslizar" para outro). O Reason vem com 294 samples de piano, guitarra, cordas, baixo, coral e sopros, entre outros. O ReDrum é uma bateria eletrônica com dez canais de áudio que executam arquivos AIFF ou WAV. Você tem absoluto controle sobre cada canal (volume, *pan*, *pitch*, efeitos etc.) e ainda conta com 32 padrões rítmicos programáveis. O mixer é praticamente real, oferecendo 14 canais estéreo, cada um com duas bandas de equalização, *pan*, controle de volume e quatro saídas auxiliares. Se você precisar de mais canais, é só adicionar mais um mixer à sua configuração. Simples, não? O mixer tem até os pedaços de fita crepe descrevendo o conteúdo de cada canal e auxiliar.

O sequenciador Matrix, por sua vez, oferece um sintetizador análogo e monofônico para criar padrões repetitivos de notas – muito mais intuitivo do que o incluído no ReBirth. Todos os módulos de efeitos incluem *reverb*, distorção, *chorus/flanger*, *phaser* e compressor e, para completar, o

Reason tem um sequenciador em que você pode copiar trechos de um canal para outro. Ou seja, você tem completo controle sobre o processo. O Reason inclui ainda o ReBirth Input Machine, um módulo bem simples para conectar o ReBirth a qualquer dispositivo do Reason. Um detalhe engraçado é a possibilidade de se ver a "parte traseira" de todos os dispositivos e conectar os cabos como quiser. É perfeito! Você pode ligar os equipamentos do modo que quiser, o que torna o programa ainda mais versátil. Os cabos até balançam quando você mexe neles ou move a janela de lugar. É claro que, se você não tiver idéia de como a coisa funciona, isso não vai ajudar muito. Felizmente, o programa já faz a ligação básica dos cabos virtuais quando inicia um novo documento ou adiciona um novo módulo.

Com todos esses recursos, é de se imaginar que o Reason prefira um Mac com um bom poder de processamento. Por isso, é recomendável rodá-lo em um Mac G3 ou superior. Um HD com bastante espaço livre também é uma boa idéia se você quiser instalar o banco de timbres de 500 MB – mas eles também podem ser acessados a partir do CD.

Reason

US\$ 399

www.propellerheads.se

é o melhor programa para criar música eletrônica. Do techno ao experimental, tem tudo o que você pode imaginar – até um sistema de cabeamento igual ao mundo real



“ Você pode até usar um emulador, mas precisa ter o som do sintetizador analógico como referência. Tem emuladores com timbres bem interessantes, que você acha sensacionais quando ouve, mas quando compara diretamente com o original analógico, vê a diferença. Sou um consumidor controverso desses programas. Compro todos, mas vou detestando um a um.

Tenho essa tara, esse fetiche por teclados originais. Fora os que tenho aqui, tem mais cinco no concerto e dois que ainda não chegaram. E eu curto a trip de ir atrás de um determinado som. Claro que, se tem uma emergência, uma abertura de um programa para amanhã, algo rápido,

esse tipo de programa é uma mão na roda. E chega uma hora que não tem onde pôr tanto teclado e tudo vira uma arquitetura de MIDI enlouquecedora. Do

João Marcelo Bôscoli

Produtor,
arranjador,
presidente
da gravadora
Trama,
macaniaco
de carteirinha

ponto de vista sonoro é interessante, mas não é nada prático.

Para show, o software é tudo. O som ao vivo não tem a clareza obtida em estúdio e você está tocando para uma platéia onde 97% não vão perceber a diferença entre o som emulado e o original.

O que eu mais faço é usar plug-ins e emuladores para fazer uma espécie de pós-produção digital. Pegar um som “gordo” tirado de um OB-XA ou mesmo uma guitarra e passar por um plug-in para dar um toque digital.

O som não chega lá no analógico. Timbres digitais, DX-36, DX-7, essas coisas de FM para cá, é moleza. Agora um Oberheim, um Wurliitzer já fica mais difícil, é uma máquina desse tamanho todo só para fazer um som.

O som da TR-808 original é inimitável. Mas em pouco tempo eles chegam lá. A curva da evolução é mais acentuada no

software do que nos sintetizadores “reais”. Esses programas tornam em um produto de massa uma coisa que custava milhares de dólares, era feita por uma pequena indústria (às vezes, um cara só) e consumida por algumas dezenas de músicos. São

muitas empresas desenvolvendo sintetizadores virtuais e atingindo um número de consumidores muito maior.

Para quem está começando a fazer música no computador, a grande dica é: aprenda teclado. Aula de piano. Em seis meses de aula, o cara chega lá. O teclado é a interface oficial da música no computador.

(Mesmo bateria, pelo menos para mim, é mais fácil com ele.

Eu já tive uns pads, mas acabei voltando a programar com os sons da bateria no teclado.)

E se puder, a pessoa deve ir a lojas de equipamentos e ouvir os sons originais de todos eles para ter uma referência.”



PRO-52

Se o seu negócio é anos 60 e os sons do Prophet-5 (clássico sintetizador análogo similar ao Minimoog) moram em seu coração, então você vai se emocionar

quando ouvir os timbres do Pro-52, que tem como credencial o fato de ter sido criado pela Native Instruments (a mesma do Reaktor e do B-4). Ele funciona de modo independente, mas também pode ser usado com qualquer programa que seja compatível com a tecnologia VST 2.0 e já vem com 512 presets, para que você se sinta o próprio Rick Wakeman (ou, pelo menos, um parente próximo).

A interface simula um bom e velho sintetizador análogo, mais especificamente um Prophet-5. Para editar os sons, basta mexer nos botões que controlam os filtros, osciladores

US\$ 199

www.native-instruments.com



ele emula o prophet-5, um dos sintetizadores mais famosos da época do pólen alucinógeno das flores hippies

e modulares até encontrar o timbre desejado. É realmente muito fácil, e o resultado é muito bom.

O Pro-52 traz alguns recursos novos em relação aos sintetizadores antigos: não tem limites para o número de vozes, inclui efeitos de delay, é sensível à pressão exercida sobre as teclas e ainda é possível automatizar todos os parâmetros via MIDI. Além disso, o programa é capaz de importar os sons do Prophet-5 (que foi o primeiro teclado a implementar a tecnologia MIDI), o que significa que o programa pode reproduzir exatamente os timbres originais. O software suporta o padrão ASIO, para ser utilizado com as principais placas de áudio do mercado, e DirectConnect para ser integrado ao ProTools.

“Hoje em dia, o sintetizador analógico é uma fonte de inspiração e algo para ser imitado como interface e princípios de síntese. Não acho que eles sejam melhores do que os digitais, muito pelo contrário. Esse saudosismo do analógico é uma atitude romântica de quem nunca teve que usá-los. Eles são imensos, pouco práticos, precisam de muita manutenção e – o pior – não têm presets, ou seja, são quase impossíveis de se usar ao vivo porque não tem como você guardar para uso posterior um timbre que tenha sido criado.

Os sintetizadores digitais (e a síntese digital em geral) ganharam má fama no final da década de 80, quando a tecnologia ainda era muito precária e o povo já tinha cansado dos sints digitais existentes, especialmente porque eles davam uma coloração muito particular aos seus timbres (lembrando que o

primeiro sintetizador digital de massa foi o DX7, de 1983). Por isso aconteceu essa volta aos analógicos. Mas hoje os digitais têm uma qualidade excelente, incluindo os que são só software e são flexíveis a ponto de ser difícil distinguir qual a marca do sintetizador que está soando (desde que não se use preset, claro).

Hoje os digitais fazem o trabalho de simulação analógica muito bem. Como sintetizador em software, eu uso o Reaktor de vez em quando, mas não muito, eu prefiro trabalhar com um sint de verdade, o Kurzweil K2500. Que funciona como emulador também porque ele trabalha com todos os tipos de síntese possíveis e até por isso é considerado difícil de usar. Mas eu acabei me acostumando e não vivo sem ele. Além disso, tenho outros sints que estão pegando poeira. E muito do que eu faço é manipulação de sons pré-gravados através de plug-ins como os da Waves ou de softwares como o Sound Forge ou Reason. Os dois sequencers que eu uso diariamente são o Logic e o Cakewalk.

Quando a comparar os programas que emulam os sons clássicos com o de um órgão Hammond ou de um Minimoog, não dá pé. O real é insuperável. Se é isso que você está procurando. Não é o meu caso. Eu não corro atrás do som preciso e inimitável do Minimoog. Eu corro atrás de sons apropriados para cada caso. Então a emulação perfeita nunca me atraiu. Eu quero flexibilidade. E qualidade. Hoje a busca por novos timbres passa necessariamente pelo computador, principalmente em casos como o meu. Mas não é obrigatório. Conheço gente que trabalha com música e sound design e não tem nenhum computador. Mas está ficando cada vez mais raro.

A dica para quem está começando a mexer com música no computador é a seguinte: você já tem uma boa ferramenta, que ninguém explorou totalmente ainda. Não se preocupe em conseguir o maior número de plug-ins e softwares possível. É incrível o que você consegue fazer só com cut and paste e um sequenciador.

Membro da banda Bojo (www.bojo.net), que lançou dois “discos virtuais” em MP3

maurício bussab



Joy Passarelli

US\$ 259 (completo)
US\$ 199 (light)
www.bitheadz.com

RETRO AS-1 2.0

Esse é um ótimo sintetizador virtual para criar timbres de era analógica do sintetizador, como Moog e Phophet-5. O Retro AS-1 usa o poder de processamento e a RAM para rodar timbres de alta qualidade, com resposta em tempo real aos comandos MIDI. Os sons são amplamente programáveis e, para isso, existem mais de 100 parâmetros de controle.

O CD já vem com mais de mil *presets* de fábrica. A qualidade dos timbres é surpreendente, a maioria com efeitos em estéreo. Porém, a polifonia depende fundamentalmente da capacidade de processamento de seu Mac. É possível alcançar 64 vozes ao mesmo tempo nas máquinas mais rápidas. O Retro AS-1 oferece qualidade de som de 24 bits e 96 kHz e ainda é possível gravar os sons diretamente para o disco em 8, 16 ou 24 bits.

**saudades
dos sintetiza-
dores da década
de 70? o retro
traz de volta a
glória do
minimoog**

Há também três osciladores de oito oitavas por voz, nove formas de onda e a possibilidade de se colocar um modulador de frequência em qualquer oscilador. O Retro AS-1 ainda inclui dois processadores de efeitos por voz, dois efeitos globais e mais duas mandadas (*send*) de efeito por canal MIDI.

Um dos poucos inconvenientes do programa é que, dependendo do caso, serão necessários três softwares para usá-lo: o Retro AS-1 propriamente dito, um sequenciador MIDI e o OMS, da Opcode, se o sequenciador não tiver um driver para rodar os timbres (o Logic Audio, por exemplo, não requer o OMS para usar o programa). De qualquer modo, é possível usá-lo sozinho, e para isso ele inclui o módulo Keyboard, no qual você pode usar o teclado do Mac para tocar as notas. A BitHeadz também tem uma versão Light do Retro AS-1, que traz apenas as funções principais.



Tokyo 2.5

US\$ 595
www.digidesign.com

O Tokyo 2.5 (ex-Koblo Studio 9000), da Digidesign, é um três-em-um, reunindo num só produto um completo sistema de produção de áudio. O programa consiste em dois modeladores análogos de sintetizador (Vibra 6000 e 9000), sampler polifônico (Stella9000) e uma bateria eletrônica virtual (Gamma9000).

O sampler digital e a bateria podem usar arquivos da placa SampleCell II (também da Digidesign) ou sons nos formatos AIFF ou Sound Designer e aplicar filtros e criar diferentes variações de sons. É possível controlar todos os quatro módulos do Studio9000 em tempo real a partir de um controlador MIDI externo ou

então comandá-los do Pro Tools ou outro sequenciador MIDI compatível. Dá até para automatizar os botões. Para completar, o programa tira vantagem da tecnologia de streaming de áudio DirectConnect, da Digidesign. Com isso, até 16 saídas do Studio9000 aparecem como entradas no Pro Tools. Também é compatível com os padrões DirectI/O, VST 2, ReWire, MAS, OMS e FreeMIDI.

Tudo bem, a qualidade de som é ótima, a interface é bonita e pode ser controlada somente com o mouse, mas o Tokyo ainda peca por ser muito pouco intuitivo. Cada um dos módulos aparece em uma janela separada, e você demora bastante para entender como funciona cada recurso. Além disso, é preciso ter pelo menos um G3 para fazê-lo rodar bem. O Reason dá de dez nele.

**muito
bom, mas
dava para ser
um pouquinho
mais intuitivo**

sintetizando...

Esses sintetizadores virtuais eram o que estava faltando para completar os estúdios digitais espalhados por computadores em todo o mundo. Mais do que isso, trazem para o século 21 (e agora podemos dizer isso sem vacilar) instrumentos musicais analógicos que pareciam perdidos no tempo ou incompatíveis com o mundo digital. Eles podem não ser substitutos dos equipamentos originais, mas com certeza são similares no mínimo aceitáveis. Mas não dá para pensar que os sintetizadores atuais estejam obsoletos. Por mais que você procure, não vai encontrar por aí um software que ofereça os mesmos recursos de um sintetizador como, por exemplo, o XV-5080, um dos mais recentes e sofisticados da Roland, capaz de tocar 128 vozes, que traz cinco processadores digitais de efeito, oito canais de saída de áudio e ainda carrega 128 MB de sons AIF ou WAV em sua memória. Você também não quer um milagre, quer? **M**

MÁRCIO NIGRO

Emociona-se ao ouvir o som do Hammond-B3.